

Feminismos em Educação: das margens aos epicentros epistemológicos dos estudos da infância, de Andrea Moruzzi. Editora Dialética, 2025, 124 pp.

 Daniela Sofia Neto

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC)

danielaneto@ces.uc.pt

A obra de Andrea Moruzzi, *Feminismos em Educação: das margens aos epicentros epistemológicos dos estudos da infância* (2025), apresenta um contributo importante e necessário para a sociologia da educação e para os estudos de género. Com base no trabalho de investigação no âmbito do pós-doutoramento em 2020 no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de São Paulo, a autora propõe uma leitura epistemológica sobre feminismos como alicerces para pensar e teorizar a educação infantil, oferecendo uma análise crítica da infância e da formação docente. A partir de uma escrita que entrelaça autobiografia e teoria crítica, Andrea Moruzzi recusa as categorias hegemónicas da infância como campos neutros e propõe uma leitura da educação da infância como terreno de disputa política e de resistência. A obra propõe ainda uma deslocação epistemológica, de modo a pensar a infância não como categoria subordinada ou de transição, mas como epicentro de produção de saber e de práticas educativas transformadoras.

O livro encontra-se estruturado em quatro grandes blocos que vão desde o percurso pessoal e académico da autora; processos de institucionalização dos feminismos, genealogia dos feminismos; e, por fim, a articulação dos feminismos com a educação e propostas pedagógicas.

A escrita de Andrea Moruzzi é assumidamente situada e autobiográfica, recusando a pretensão pela neutralidade da ciência. A primeira parte da obra articula memória pessoal com reflexão teórica, aludindo ao facto de trazer para a discussão os trilhos pessoais que a levaram ao encontro das perspetivas feministas. É nesta parte da obra que constrói o seu “lugar de fala”. Deste modo, reivindica a validade epistémica das suas experiências e suporta-se em correntes feministas que concebem o conhecimento como prática localizada. Sara Ahmed (2017), em *Living a Feminist Life*, diz-nos que a sua própria biografia feminista se encontra entrelaçada com outros aspectos da sua biografia. Como tal, Andrea Moruzzi parte da sua autobiografia para olhar para o seu percurso enquanto feminista e para situar a sua produção teórica naquele que é o seu contexto, mas também no tempo e no espaço em que produz. Esta opção situa-se também no horizonte de autoras como bell hooks e Audre Lorde, que defendem o “lugar de fala” como condição ética para a produção teórica. O seu percurso pessoal, como filha, mãe, docente, investigadora e militante, é mobilizado não apenas de forma contextual, mas como ponto de partida epistemológico, situando as suas subjetividades não como obstáculo, mas como via de produção de conhecimento.

Estas escolhas também a aproximam de bell hooks e da sua obra *Teaching to Transgress* (1994), defendendo uma pedagogia capaz de transformar a sala de aula em espaço de escuta e de resistência. É assim que Andrea Moruzzi expande esse horizonte ao incluir as crianças no movimento de centralização das vozes marginalizadas. Se hooks enfatiza a importância de ouvir as mulheres negras e estudantes silenciados/as, Andrea Moruzzi reivindica a necessidade de reconhecer a infância como produtora de saberes próprios (hooks 1994). O diálogo com a obra de bell hooks é fundamental. A ideia de que ensinar é um ato de transgressão ganha um novo significado quando aplicado à infância. Nesta senda, a escolha não deve limitar-se a preparar as crianças para o futuro e deve, inclusive, reconhecê-las como sujeitos com capacidade de interpretar, questionar e transformar o mundo. Ao propor uma pedagogia feminista da infância, Andrea Moruzzi inscreve a educação no campo da luta política e entende-a como prática quotidiana de libertação e de reconhecimento.

A autora propõe também o conceito de “subalternidade geracional” para evidenciar o modo como as crianças são silenciadas e tuteladas pela estrutura social adultocêntrica. Inspirada por Gayatri Spivak, pergunta: “pode a criança falar?”. Para responder, sustenta-se na crítica interseccional e recusa leituras normativas da infância e mostra-nos como esta resposta implica reconhecer a infância como subalternidade específica, cuja voz é ainda deslegitimada pelas instituições adultocêntricas (Spivak 2021). A proposta de uma pedagogia da infância corresponde, neste sentido, a uma política da escuta, ao criar condições institucionais, discursivas e pedagógicas para que as vozes das crianças sejam validadas enquanto conhecimento.

Nesta primeira parte traz-nos também um desassossego. Situa o seu envolvimento com os estudos sobre a infância e com a formação de docentes no contexto político brasileiro pós-2018, marcado por retrocessos sociais, ataques aos direitos das mulheres e à infância e a ascensão de discursos conservadores. É esta conjuntura que alimenta o desejo de reorientar a formação docente na direção interseccional e feminista. Assim, reflete nomeadamente sobre a forma como, com o escalar da extrema-direita, qualquer debate que tenha no seu âmago a problematização e um olhar atento sobre as desigualdades dos grupos minoritários, que denuncie a misoginia, a homofobia e outras formas de discriminação, se tornaram subalternizados, desqualificados e entendidos no domínio da “ideologia”. Têm sido, deste modo, retirados do campo político e das arenas governamentais e sido silenciados. Assume, por isso, contornos de um manifesto sobre os caminhos a trilhar nesta matéria.

A segunda parte do livro aprofunda a institucionalização dos feminismos e foca-se na sua apresentação como epistemologias plurais e situadas, que emergem da resistência de mulheres e dissidências de género, especialmente negras, indígenas, lésbicas, trans e periféricas. Mostra-nos sobretudo o modo como as pesquisas feministas se vão construindo e recai sobre as opções epistemológicas das autoras

nas suas pesquisas. Um ponto-chave, embora não seja consensual na literatura explanada na obra, é precisamente a identificação por parte de Andrea Moruzzi da creche (e a educação infantil) como uma conquista de mulheres e feministas.

O terceiro capítulo oferece-nos uma viagem pela genealogia dos feminismos e, para tal, a autora recorre a várias correntes feministas, tais como o feminismo marxista, o feminismo radical, o feminismo negro, o feminismo queer, o transfeminismo, o feminismo transnacional e os feminismos decoloniais, descoloniais ou subalternos. Cada uma destas correntes é apresentada não como identidade fechada, mas como ferramenta teórico-política para desestabilizar o conhecimento e as práticas educativas. Neste sentido, cada corrente é apresentada, evidenciando reivindicações e as suas principais potencialidades e fragilidades. Uma das ideias que a autora reflete é precisamente a forma como as correntes surgem conectadas a movimentos sociais e às reivindicações inerentes. Trata-se, assim, de uma forma de conhecer os movimentos feministas tendo em conta as condições de emergência de cada perspetiva dentro dos seus contextos históricos, sociais e culturais.

Por fim, a parte quatro tem como fito encontrar inspirações para uma educação da infância no cruzamento entre feminismo e pedagogia. Questiona, desde logo, normalizações e atenta no papel fulcral que a educação na infância tem na construção e desconstrução de papéis com vista a percursos marcados pela igualdade.

O contributo científico da obra manifesta-se em diferentes planos. No domínio epistemológico, Andrea Moruzzi amplia as epistemologias feministas ao inscrever nelas a infância, problematizando a ausência desta categoria no debate teórico e político. Esta questão implica também um compromisso com a intersecionalidade (cf. Crenshaw 1991), evidenciando a não existência de uma infância universal, mas múltiplas infâncias que atravessam sistemas de opressão diferenciados. Ao nível pedagógico, a autora propõe uma prática educativa sustentada na recusa das violências estruturais. No plano político, o livro assume a forma de manifesto, reivindicando a educação infantil como campo de resistência face a tendências conservadoras que têm vindo a excluir os debates sobre género e diversidade do espaço público.

Como forma de encerrar a reflexão, Andrea Moruzzi sublinha a necessidade de migrar os feminismos das margens para o centro no domínio da educação, com o intuito de transformar não apenas as práticas pedagógicas, mas também as formas de compreender a infância. É assim que, ao longo da obra, a sua pretensão não é a de encerrar um debate, mas abrir caminhos para ele, convidando a reflexões e futuras investigações que possam explorar, em contextos concretos, as hipóteses e proposições que aqui se apresentam.

Referências

- Ahmed, Sara. 2017. *Living a Feminist Life*. Duke University Press.

- Crenshaw, Kimberle. 1991. "Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color." *Stanford Law Review* 43(6): 1241-1299. <https://doi.org/10.2307/1229039>
- hooks, bell. 1994. *Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom*. Routledge.
- Spivak, Gayatri Chakravorty. 2021. *Pode a subalternidade tomar a palavra?* Traduzido por António Sousa Ribeiro. Orfeu Negro.

Como citar este texto:

[Segundo a norma Chicago]:

Neto, Daniela Sofia. 2025. "Recensão: *Feminismos em Educação: das margens aos epicentros epistemológicos dos estudos da infância*, de Andrea Moruzzi. Editora Dialética, 2025." *ex æquo* 52: 238-241. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2025.52.17>

[Segundo a norma APA adaptada]:

Neto, Daniela Sofia (2025). Recensão: *Feminismos em Educação: das margens aos epicentros epistemológicos dos estudos da infância*, de Andrea Moruzzi. Editora Dialética, 2025. *ex æquo*, 52, 238-241. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2025.52.17>



Este é um texto de Acesso Livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>), que permite a reprodução e distribuição não comercial da obra, em qualquer suporte, desde que a obra original não seja alterada ou transformada de qualquer forma, e que a obra seja devidamente citada. Para reutilização comercial, por favor contactar: apem1991@gmail.com

